

*O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e seu arquivo: fontes para a história da arte no Brasil*

**Elizabeth Catoia Varela**

Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Curadora de Pesquisa e Documentação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

**Resumo:** Criado em 1948, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio – tem sido desde então muito importante no cenário artístico nacional, principalmente por meio de suas exposições. O artigo destaca, porém, a importância de seu arquivo, que guarda não apenas documentação produzida pelo Museu, mas também de artistas que nele expuseram. Através de alguns exemplos, como o da exposição Pré-Bienal de Paris, fechada pela ditadura militar em 1969, podemos perceber a importância desse arquivo para a construção da história da arte no Brasil.

**Palavras-chave:** Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; arte moderna; arquivo de arte.

**The Museum of Modern Art of Rio de Janeiro and its archive: sources for the history of art in Brazil**

**Abstract:** Created in 1948, the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro – MAM Rio – has since then been very important in the national artistic scene, mainly through its exhibitions. The article emphasizes, however, the importance of its archive, which holds not only documentation produced by the Museum, but also of artists who exhibited there. Through some examples, such as the Paris Pre-Biennial exhibition, which was closed by the military dictatorship in 1969, we can see the importance of this archive for the construction of art history in Brazil.

**Keywords:** Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; modern art; art archives.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio – foi fundado em 1948 como uma sociedade civil sem fins lucrativos, num contexto de expansão do aparato cultural brasileiro. No mesmo período também foram fundados o Museu de Arte

de São Paulo – MASP e o Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM SP. Em 1951, o MAM SP realizou a I Bienal de São Paulo, alavancando o Brasil dentro do cenário artístico continental e possibilitando que os artistas locais conhecessem obras internacionais de várias delegações em um único evento.

Nesse contexto, o MAM Rio se constituiu pretendendo ter biblioteca especializada, arquivo de arte fotográfica, discoteca e filmoteca, entre outras frentes de atuação, no intuito de “disseminar o conhecimento da arte moderna no Brasil”, conforme registrado em sua ata de fundação.<sup>1</sup> Sua sede definitiva só foi construída alguns anos após a fundação do museu. O programa a ser atendido pelo projeto arquitetônico realizado por Affonso Eduardo Reidy já previa: “Documentação: biblioteca, mapoteca, fototeca, filmoteca e discoteca”.<sup>2</sup>

O MAM Rio é muito conhecido por suas exposições, fruto do trabalho da curadoria de artes visuais, e por sua Cinemateca. Outra curadoria também existente no museu é a de Pesquisa e Documentação. Essa área é responsável pelas demandas de pesquisa e reúne arquivo e biblioteca de artes visuais, ou seja, junto ao arquivista e bibliotecário, também atua o historiador da arte, formando assim uma equipe multidisciplinar. As demandas de pesquisa são para realização de planos de trabalho propostos pela própria instituição, isto é, demandas internas, mas também o atendimento de pesquisadores externos, que em geral são graduandos, pós-graduandos, curadores e pesquisadores independentes, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Durante a década de 1970, a biblioteca do museu ficava no terceiro andar do Bloco de Exposições, o prédio principal do conjunto arquitetônico do MAM Rio. Em 1978, por ocasião do incêndio que atingiu o Bloco de Exposições, todo o acervo da biblioteca foi perdido. Contudo, segundo os documentos de época, o arquivo, por não ficar naquele espaço, não sofreu danos. Os documentos que hoje revelam algum dano físico provavelmente eram documentos ainda não pertencentes ao arquivo, à época.

A partir de 1986, o então coordenador de arte, Paulo Estelitta Herkenhoff Filho, foi figura fundamental na formação do novo acervo da Biblioteca. Em depoimento recente, ele explicou como se deu esse processo:

---

<sup>1</sup> MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. Ata de Constituição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 3 mai. 1948. 5 p. Manuscrito. Acervo MAM Rio.

<sup>2</sup> RELATÓRIO do ano de 1952. *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 4, jan. 1954. Boletim. Acervo MAM Rio.

A biblioteca tinha uma pauta de prioridades que era quase tudo. Como estratégia, eu enuncio certas prioridades, mas tudo é prioridade numa biblioteca de arte. Então, por que a biblioteca hoje serve tanto às pesquisas das universidades? Porque eu fiz uma lista de 450 autores da história da arte, desde os pré-socráticos até os contemporâneos, e a gente comprava metodicamente. A Bosch nos deu 10 mil dólares, o CNPq também colaborou. Hoje, ninguém faz uma tese no Rio de Janeiro sem passar pela biblioteca do MAM. O Consulado da Argentina também fez doações. Enfim, a gente ia trabalhando. Eu escrevia por ano 600, 700 cartas para museus do mundo inteiro pedindo livros.<sup>3</sup>

Atualmente, a biblioteca de artes visuais encontra-se em fase de reformulação e intenso trabalho interno. Seu acervo possui cerca de 36 mil itens e é majoritariamente formado por catálogos de exposições de arte, sendo importante fonte de pesquisa para quem estuda arte brasileira moderna e contemporânea. É relevante registrar que a biblioteca detém catálogos de galerias de arte que, por serem instituições privadas de interesse comercial, atuam no cenário cultural, mas acabam por não formar uma espaço de pesquisa na qual destine e dê acesso às suas publicações. Ademais, várias dessas galerias não existem mais. A Biblioteca possui uma série de itens raros, como, por exemplo, quase todas as edições de *Photogramma*, periódico especializado em assuntos fotográficos, publicado entre 1926 e 1931, e os três volumes da revista *Malasartes*, publicados em 1975 e 1976.

O arquivo de artes visuais é especializado nos períodos moderno e contemporâneo e dedica-se à arte brasileira e internacional. Mais especificamente, ele reflete o interesse curatorial do MAM Rio; ou seja, além de documentos internos, gerados dentro da instituição, também se coleciona documentos externos que se dediquem aos artistas e a temas de interesse do Museu.

É previsto arquivar tudo que se dedique aos artistas que já expuseram no MAM Rio ou que fazem parte das coleções do museu, ou seja, a coleção MAM Rio acrescida dos outros dois comodatos vigentes: Coleção Gilberto Chateaubriand e Coleção Joaquim Paiva, esta última especializada em fotografia. Caso o artista nunca tenha

---

<sup>3</sup> Memória do Patrocínio: Paulo Estellita Herkenhoff. Disponível em: <[http://www.petrobras.com.br/minisite/memoria/patrocinio\\_pauloestellita.htm](http://www.petrobras.com.br/minisite/memoria/patrocinio_pauloestellita.htm)>. Acesso em: 7 out. 2013.

exposto no MAM Rio, nem faça parte das suas coleções, o terceiro filtro de triagem do material é a relevância histórico-artística do mesmo, durante os períodos moderno e contemporâneo.

Como as exposições são concebidas pelo curador de artes visuais e as propostas de exposições externas passam também por sua seleção, resulta que os assuntos aos quais o arquivo se dedica refletem essas escolhas. Como o museu realiza mostras de arte moderna e contemporânea, o arquivo acaba por ter essa mesma especialização. No geral, portanto, o arquivo reflete a trajetória institucional e o interesse por artistas, exposições e temáticas abarcados pelo museu ao longo dos anos. Contudo, o próprio padrão gera suas exceções. Como exemplo, podemos citar uma exposição do Aleijadinho (escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial), ocorrida em 1978, passando o arquivo a colecionar documentos sobre ele. Há também dossiê sobre o fotógrafo Marc Ferrez (um dos principais fotógrafos do século XIX, no Brasil), por fazer parte da Coleção MAM Rio.

Relembrar a relevância do MAM Rio para o cenário artístico nacional no século XX significa analisar a importância do arquivo para os estudiosos de hoje (estudantes acadêmicos, pesquisadores, historiadores da arte e curadores). Durante a década de 1950, o museu oferecia uma série de cursos, entre eles o curso de pintura para crianças. No final de cada ano, ocorria uma exposição de trabalho dos alunos desse curso. Esse conjunto de ações é fato de profundo interesse por parte daqueles que hoje pesquisam sobre arte-educação.

Em 1955, o museu sediou a segunda mostra coletiva do Grupo Frente. Na sequência, foi palco de exposições individuais de Alfredo Volpi, Milton Dacosta, Aluísio Carvão e Hélio Oiticica. Em 1959, ocorreu a I Exposição Neoconcreta e, no ano seguinte, a Exposição de Arte Concreta: retrospectiva 1951-1959, que era composta por artistas do núcleo concreto que atuavam em São Paulo. Dessa forma, para se realizar um minucioso estudo da arte abstrata geométrica no país, é necessário visitar o arquivo do MAM. Em contrapartida, enquanto o museu dava a ver a arte abstrata geométrica, paralelamente também difundia a abstração informal, tendo realizado exposições de Flávio Shiró, Manabu Mabe, Antônio Bandeira e do artista francês Gerorges Mathieu, que, em 1959, pintou uma tela no próprio museu, diante do público, acompanhado pelo Ballet Folclórico Mercedes Baptista.

Na década de 1960, três exposições são incessantemente buscadas por grande parte dos pesquisadores: Opinião 65, Opinião 66 e Nova Objetividade Brasileira, realizadas respectivamente em 1965, 1966 e 1967. Em Opinião 65, Hélio Oiticica apresentou os parangolés, ao som da escola de samba Mangueira. Em Nova Objetividade Brasileira, Oiticica apresentou o penetrável *Tropicália*. O catálogo dessa mostra publicou o depoimento de Hélio Oiticica intitulado “Esquema geral da nova objetividade”. Esse texto é conteúdo fundamental para o estudo do período, o que faz desse catálogo fonte importantíssima para os pesquisadores. Essas três mostras, portanto, trazem conteúdo obrigatório para se estudar a década de 1960 e a arte contemporânea brasileira.

Na década de 1970, a Área Experimental, espaço reservado para jovens artistas que se dedicassem a explorar o experimental na arte, e os Domingos da Criação, eventos atrelados ao Curso Popular de Arte, que ocorriam aos domingos, no lado externo do museu, são também foco de muito interesse dos pesquisadores que buscam o MAM.

Outro assunto menos pesquisado, porém nem por isso menos importante, é a exposição Representação Brasileira na VI Bienal de Paris, mais conhecida como Pré-Bienal de Paris, ocorrida em 1969. O MAM Rio havia sido convidado pelo Ministério das Relações Exteriores a organizar a seleção brasileira. Seria realizada uma grande exposição no próprio museu para então serem selecionados os artistas e obras que fariam parte da representação brasileira no evento internacional. Contudo, no dia de sua abertura ao público, a mostra foi fechada pelos militares. Dentre os poucos documentos de época, existe no arquivo a listagem do júri, de artistas escolhidos para a exposição, os artistas selecionados, dos filmes e seus diretores e dos músicos. Por meio da lista de filmes, podemos perceber como as criações artísticas daquele momento faziam-se conscientes e posicionavam-se em relação ao período ditatorial que o país vivia. Não há no arquivo informações sobre as obras de arte, apenas o nome dos artistas. Entretanto, o mapeamento da produção de época de cada artista permite-nos visualizar o conjunto de obras dentro do qual foi possível montar a exposição, que, junto aos filmes, faz-nos perceber o embate silencioso que motivou sua censura. Segundo matéria publicada no *Jornal do Brasil* à época, o chanceler Magalhães Pinto declarou que “houve um abuso de confiança, pois, ao receber a incumbência de escolher as obras de arte, o MAM foi instruído para afastar aspectos ideológicos e políticos das obras concorrentes.”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> BRASIL irá à VI Bienal mas em parte. *Jornal do Brasil*, 4 jun. 1969.

Naquele ano, enviou-se como representação brasileira para a Bienal de Paris apenas arquitetura e música, excluindo pintura, escultura, gravura, fotografia e cinema. O fechamento da exposição no MAM Rio é um dos fatos mais marcantes da censura especificamente no campo das artes visuais. Essa ação reverberou fortemente entre os artistas da época.

Em 2009, o então curador de artes visuais Reynaldo Roels Jr., por ocasião dos 60 anos de fundação do museu, concebeu uma grande exposição dividida em diferentes módulos. Um deles era MAM 60 anos: Pré-Bienal de Paris. A documentação existente no arquivo foi fundamental para a pesquisa que fundamentou a releitura posterior desse evento, mesmo com a impossibilidade de se saber exatamente quais obras compunham aquele conjunto. Segundo o curador:

Essa remontagem da Pré-Bienal de Paris é apenas parcial. [...] Ainda assim, a despeito das lacunas nesta remontagem, trata-se do resgate de um episódio da história – e não somente da história da arte – recente do País que, mesmo não sendo dos mais enaltecidos, convém não esquecer.<sup>5</sup>

Com esses exemplos, podemos ilustrar a importância do arquivo para o MAM Rio. Ele reflete a trajetória do museu nas artes visuais e seus variados focos de interesse. Quanto mais impactante a história institucional for, mais potencialmente relevante o arquivo institucional pode vir a ser. Além de atuar na cena artística, a salvaguarda e disponibilização de fontes no arquivo da instituição dão suporte à construção das narrativas que constituirão a história da arte no Brasil.

### Referências bibliográficas

BRASIL irá à VI Bienal mas em parte. *Jornal do Brasil*, 4 jun. 1969.

MEMÓRIA do Patrocínio: Paulo Estellita Herkenhoff. In: <[http://www.petrobras.com.br/minisite/memoria/patrocinio\\_pauloestellita.htm](http://www.petrobras.com.br/minisite/memoria/patrocinio_pauloestellita.htm)>. Acesso em: 7 out. 2013.

---

<sup>5</sup> ROELS JR., Reynaldo. Pré-Bienal de Paris: 1969. In: MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *MAM 60 anos*. Rio de Janeiro, 2008. p. 12. Catálogo.

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. Ata de Constituição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 3 mai. 1948. 5 p. Manuscrito. Acervo MAM Rio.

NOVA Objetividade Brasileira. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1967. Catálogo.

RELATÓRIO do ano de 1952. *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 4, jan. 1954. Boletim.

ROELS JR., Reynaldo. Pré-Bienal de Paris: 1969. In: MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO. *MAM 60 anos*. Rio de Janeiro, 2008. p. 12. Catálogo.